

Maria de Lourdes
Sirgado Ganho

O essencial sobre
FRANCISCO DE HOLANDA

IMPrensa NACIONAL-CASA DA MOEDA

INTRODUÇÃO

Traçar o perfil biográfico de um autor renascentista, quando não existem livros de assentos para tais factos, acaba por implicar proceder a uma pesquisa de modo indirecto. Contudo, à boa maneira renascentista, o culto da personalidade começa a emergir e, por isso mesmo, Francisco de Holanda fala de si na sua obra. É por esta razão que podemos apontar dados biográficos, enquanto artista, ficando o homem no seu quotidiano silenciado, embora alguns traços do seu carácter também possam ser apontados.

Quanto à sua obra, pictórica e literária, far-lhe-emos uma referência própria, embora tenhamos de reconhecer que é a obra *Da Pintura Antiga* que mais nos interessa analisar e que, ao mesmo tempo, emerge como a mais relevante na economia da sua produção literária e artística.

Como refere Jorge Segurado, «estamos perante o principal artista da nossa Renascença» (*Imagens das Idades do Mundo*, p. 19). Nas palavras de André de Resende, estamos perante o Apeles Lusitano.

CAPÍTULO I

VIDA

Nasceu na cidade de Lisboa, conforme refere na obra *Da Pintura Antiga*, tendo provavelmente nascido em 1517 ou 1518, portanto, no reinado de D. Manuel I. Faleceu também em Lisboa, em 1584. Filho de António d'Ollanda, iluminista, desenhador, retratista, de origem holandesa. Seu pai terá nascido cerca de 1480 e falecido por volta de 1557. Artista ligado à corte portuguesa, a sua profissão exerceu clara influência na futura orientação deste seu filho, que, desde muito novo, mostrou clara propensão para a arte da pintura.

De facto, o artista frequentou a escola de seu pai, sendo este um período de aprendizagem fundamental, conforme ele próprio reconhece no prólogo de *Da Pintura Antiga*: «E muito grandes e infinitas graças dou eu primeiro ao Summo Mestre e imortal, e depois as dou a meu pai [...] de me não desviar minha própria índole natural, e me deixou se-

guir a arte da Sabedoria a mi mais segura e excelente de quantas há n'este grão mundo» (PA, p. 8, ed. INCM). Seu pai, instalado em Évora, na altura pólo cultural e onde residia a corte portuguesa, deu-lhe a formação necessária para se iniciar nas artes figurativas. Além disso, estudou Humanidades. Durante alguns anos e até 1537, Évora foi a capital cultural de Portugal e centro onde os mais diferentes artistas trabalhavam, bem como homens de letras. Nesta cidade, certamente, contactou com os mais eminentes humanistas que aí residiam, tendo sido amigo e discípulo de André de Resende, Miguel da Silva e Nicolau Clenardo. Sabe-se que estudou línguas clássicas na Escola Pública de Letras, de que foi fundador André de Resende. Até aos 20 anos temos o seu período de aprendizagem e de certo amadurecimento, de contacto em Évora com antiguidades, provenientes de ruínas romanas, e que lhe permite reconhecer que um aprofundamento do seu saber só é possível se se deslocar a Roma, o grande centro cultural da Europa culta de então, no que à arte diz respeito. O seu gosto pelas novas concepções de arte, o seu entusiasmo de jovem promissor nas artes, levam a que seja apelidado de Lusitanus Apelles, conforme já foi mencionado. D. João III,

em Évora, é nesta altura claramente favorável à cultura humanística, que apenas será travada quando em 1555 entrega à Companhia de Jesus o ensino.

Com 20 anos dá-se o facto fundamental da vida de Francisco de Holanda como artista: obtém uma bolsa a fim de se dirigir a Roma e contactar com os grandes vultos da arte renascentista. Mas quando vai para Itália é já um pintor claramente vocacionado para a arte, ansioso por se encontrar com os grandes mestres do seu tempo, com os grandes monumentos da antiguidade e com as maiores referências da arte sua contemporânea.

Esta viagem, por ele tão ansiosamente esperada, e que teve a duração de três anos (1537-1540) é um marco central na sua vida, como ele mesmo menciona no agradecimento que faz a D. João III, no prólogo de *Da Pintura Antiga*: «E a Vós, muito Glorioso e Augusto Rei e Senhor, dou eu outras tantas graças pola ajuda que ategora me tem dado (mandandome ir ver Itália) em bens que, inda quando se a náu alagasse, e a cidade saqueada steuesse arrendo, eu posso sem empedimento de carga leuemente comigo trazer a nado [...] porque dizem que o saber é só de todos o que em nenhuma alhea patria é estrangeiro» (p. 9).

Destinava-se esta viagem, segundo Jorge Segurado, a corresponder ao desejo do rei D. João III, de o jovem artista se instruir em arquitectura e «adquirir técnica segura para construir castelos e fortalezas à maneira italiana, tendo em vista, sobretudo, a defesa e a soberania do património de além-mar. Apurámos e não resta dúvida, que a Arquitectura da Renascença italiana foi o alvo principal da viagem, o qual foi de facto atingido com êxito» (*IM*, p. 30). O itinerário da viagem é descrito, no último diálogo de *Da Pintura Antiga*, pondo em evidência as cidades e os lugares por onde passou à ida. Sem querermos ser exaustivos, enunciamos alguns: Santarém, Valhadolide, Lérida, Barcelona, Salces, Narbona, Nîmes, Avinhão, Fréjus, Antibes, Mónaco, Nice, Génova, Pisa, Florença, Siena, Roma. Deste itinerário registou em desenho muitos dos lugares que visitou, num livro para tal efeito: «que fortaleza, [...] não tenho eu ainda no meu livro?» (1.º diálogo de Roma). Claro que se está a referir ao conjunto de desenhos que deram origem ao seu *Álbum de Antigualhas*. Chegado a Roma, no Verão de 1538, recomendado pelo rei português, teve acesso à casa papal (cf. 1.º diálogo de Roma). Esta sua ida para Roma tinha a intenção declarada, na sua qualidade de artista, de contac-

tar com os novos paradigmas artísticos, imbuir-se desse novo espírito a fim de no regresso a Portugal os pôr em prática. Era, simultaneamente, uma missão e uma devoção. Na Páscoa de 1539, em Roma, recebe a comunhão das mãos do Papa, facto que muito o emocionou. O seu grande fascínio por esta grande metrópole tinha uma componente artística e outra claramente religiosa. Mas durante esta sua estada deslocou-se a outros lugares, quer do sul quer do centro da Itália, mais uma vez desenhando, nos lugares por onde passava, aquilo que considerava mais significativo e digno de reter. Podemos apreciar o seu critério no *Álbum dos Desenhos das Antigualhas*. De facto, viajou até Tivoli, Nápoles, Barletta, no Sul de Roma, Orvieto, Spoleto, Ancona, Pesaro, na região centro, Veneza, Ferrara, Pádua, Bolonha, Milão e Pavia, na região norte.

De regresso a Lisboa, a data actual está calculada entre o final de 1541 e o início de 1542, segundo Jorge Segurado, vem pelo Norte de Itália, passando a Turim, Toulouse, Nîmes, Bayona, San Sebastien.

Se quando partiu de Portugal para o Lácio Francisco de Holanda já tinha em mente adquirir uma sólida formação no contacto com os novos paradigmas artísticos da sua época, quando regressou vi-

na embrenhado dessa atmosfera renascentista, desses fermentos, que fazem dele, sem dúvida, um dos seus representantes.

Após a chegada a Portugal, D. João III encarregou-o de algumas obras de natureza arquitectónica (cf. Felicidade Alves, *Introdução ao Estudo da Obra de Francisco de Holanda*, p. 187). Só mais tarde redige a sua obra-prima, de carácter literário, a *Da Pintura Antiga*, cuja primeira parte terminou a 18 de Fevereiro de 1548, enquanto a segunda parte foi acabada a 18 de Outubro do mesmo ano. O regresso a Portugal assinala a emergência do artista e do literato. Toda a sua actividade será a de um homem do renascimento, com todo o peso que este termo carrega nesta altura.

Trabalha intensamente no período compreendido entre o seu regresso de Itália e a morte de D. João III, em 1557, tendo neste período viajado pelo País e mesmo por Espanha. Com a morte súbita de D. João III, que era seu inequívoco protector, a carreira de Francisco de Holanda é afectada. Com efeito, é afastado da corte e dos trabalhos de arquitecto de que estava empossado.

Na obra *Da Fábrica que Falece à Cidade de Lisboa*, de 1571, no prólogo, além de elogiar uma vez

mais D. João III, como grande mecenas da arte, lembra a seu neto D. Sebastião que desde a morte do seu avô que ele, Francisco de Holanda, deixou de poder servir o reino e deste modo colocar à sua disposição o seu saber. A mesma mágoa extravasava na obra *Da Ciência do Desenho*, dirigindo-se, uma vez mais, a D. Sebastião, a quem menciona, à maneira de um desabafo triste, que sente que o seu dom de artista é desprezado: «E por que razão me venho antes fazer lavrador e viver no Monte como homem inútil e que de nada serve neste tempo» (p. 19). Este monte de que fala tanto na *Fábrica*, como na *Da Ciência do Desenho* estaria a meio caminho entre Lisboa e Sintra, talvez no lugar de Venda Nova. Em 1573 vivia em Lisboa, em Santa Clara, segundo referencia na obra *Imagens das Idades do Mundo*.

Em 1572 escreve a Filipe II de Espanha e coloca-se à sua disposição para o servir, sem, no entanto, ter tomado uma atitude de aprovação quanto à invasão de Portugal. Entre os dois, o tratamento é distante e frio. Diz-nos Felicidade Alves: «Mas parece-nos mais provável uma posição de retraimento e muda rejeição da invasão. Filipe II não perseguiu Francisco d’Holanda. Mas parece tratá-lo com dis-

tante frieza: não lhe confia qualquer cargo profissional» (*Introdução*, p. 210).

Terá falecido a 19 de Junho de 1584, com 66 ou 67 anos, de acordo com uma carta de Filipe II à viúva do artista, Luísa da Cunha Siqueira, de 9 de Agosto de 1584. A sua obra, quer literária, quer plástica, permanece praticamente silenciada até meados do século XVIII, início do século XIX. Contudo, ao analisarmos a obra, no seu conjunto, verificamos que nos encontramos, sem sombra de dúvida, perante um dos grandes vultos do Renascimento português.

CAPÍTULO II

O RENASCIMENTO ITALIANO

A fim de melhor compreender o renascentismo de Francisco de Holanda, é necessário, em nosso entender, fazer uma alusão ao Renascimento italiano, de que tanto se alimentou, espiritualmente, o nosso artista. Assim sendo, quando nos referimos ao Renascimento, mencionamos um determinado momento da história do Ocidente que se situa entre 1300/1350 e 1600, período que, do ponto de vista cronológico, assinala o final da Idade Média e o início da Idade Moderna. Contudo, 1453, data da queda de Constantinopla, marca convencionalmente o final de uma época e o início de outra. O Renascimento reconhece-se e afirma-se como uma atitude global de oposição, não propriamente à Idade Média em geral, mas sobretudo em relação à Escolástica: «ele é, antes de tudo, uma manifestação de cultura, uma concepção da vida e da realidade que impregna as artes, as letras, as ciências, os costumes» (Eugenio Garin,

ÍNDICE

Introdução	3
Cap. I — Vida	4
Cap. II — O Renascimento italiano	12
Cap. III — A influência de Marsilio Ficino sobre a arte	21
Cap. IV — O renascentismo de Francisco de Holanda ...	30
Cap. V — A obra	32
<i>Da Pintura Antiga</i> (1548)	32
<i>Do Tirar pelo Natural</i> (1549)	52
<i>De Quanto Serve a Ciência do Desenho</i> (1571)	61
<i>Da Fábrica que Falece à Cidade de Lisboa</i> (1571)	69
<i>Álbum dos Desenhos das Antigualhas</i> (1540)	74
<i>De aetatibus mundi imagines</i> (1547)	77
Conclusão	85
Bibliografia essencial	89

Colecção Essencial

Últimas obras publicadas:

61. SAMPAIO (BRUNO)
Joaquim Domingues
62. O CANCIONEIRO NARRATIVO TRADICIONAL
Carlos Nogueira
63. MARTINHO DE MENDONÇA
Luís Manuel A. V. Bernardo
64. OLIVEIRA MARTINS
Guilherme d'Oliveira Martins
65. MIGUEL TORGA
Isabel Vaz Ponce de Leão
66. ALMADA NEGREIROS
José-Augusto França
67. EDUARDO LOURENÇO
Miguel Real
68. D. ANTÓNIO FERREIRA GOMES
Arnaldo de Pinho
69. MOUZINHO DA SILVEIRA
A. do Carmo Reis
70. O TEATRO LUSO-BRASILEIRO
Duarte Ivo Cruz
71. A LITERATURA DE CORDEL PORTUGUESA
Carlos Nogueira
72. SÍLVIO LIMA
Carlos Leone
73. WENCESLAU DE MORAES
Ana Paula Laborinho

74. AMADEO DE SOUZA-CARDOSO
José-Augusto França
75. ADOLFO CASAIS MONTEIRO
Carlos Leone
76. JAIME SALAZAR SAMPAIO
Duarte Ivo Cruz
77. ESTRANGEIRADOS NO SÉCULO XX
Carlos Leone
78. FILOSOFIA POLÍTICA MEDIEVAL
Paulo Ferreira da Cunha
79. RAFAEL BORDALO PINHEIRO
José-Augusto França
80. D. JOÃO DA CÂMARA
Luiz Francisco Rebello
81. FRANCISCO DE HOLANDA
Maria de Lourdes Sirgado Ganho